

# **Paulo Freire e a formação do MST:** resistência à velha e clássica organização do trabalho pedagógico

Antônio Cláudio Moreira Costa<sup>1</sup>. Maria Simone Ferraz Pereira<sup>2</sup>

## **Resumo**

Este artigo demonstra o quanto o processo de formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) é influenciado pelas ideias de Paulo Freire. Cabe ressaltar que a proposta do MST sofre influência de inúmeros educadores marxistas, mas privilegiamos Freire por ser o educador brasileiro que defendia, tanto na perspectiva teórica quanto na prática, a libertação dos indivíduos de todas as estruturas que os oprimem e os impedem de viver diariamente como sujeitos construtores da sua própria história. O MST é o alvo de nossas reflexões por ser o movimento social que apresenta de forma mais sistematizada uma proposta para a educação das comunidades do campo. O texto está dividido em quatro partes, a saber: introdução; a educação para o MST; elementos que indicam a influência das ideias freireanas no processo de formação do MST e considerações finais. Na segunda parte apresentamos sucintamente os princípios que orientaram a construção da proposta de formação do MST e o que ela significa para educadores/militantes comprometidos com esse “novo jeito de educar”. A terceira apresenta, de forma objetiva, como as ideias de Freire estão presentes em toda a engenharia pedagógica do MST. A questão que orientou nosso estudo refere-se à necessidade de reagirmos às “velhas e clássicas” formas de organização do trabalho pedagógico, a partir das conquistas do Movimento, e contribuirmos com a construção de uma teoria pedagógica que dê conta de novas formas de organização desse trabalho à luz de experiências educacionais de um movimento social que tem resistido à clássica forma de fazer escola e de educar as novas gerações.

## **Palavras-chave**

MST. Paulo Freire. Organização do Trabalho Pedagógico.

**1.** Doutorado em Educação pela Universidade Estadual Paulista, professor na área de Educação na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [acmoreira@faced.ufu.br](mailto:acmoreira@faced.ufu.br).

**2.** Doutoranda na Universidade Estadual de Campinas, professora da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [msimonefb@pontal.ufu.br](mailto:msimonefb@pontal.ufu.br).

# **Paulo Freire and the formation of MST: resistance to the old and classic organization of the pedagogic work**

Antônio Cláudio Moreira Costa\*. Maria Simone Ferraz Pereira\*\*

## **Abstract**

This article demonstrates how much the process of formation of the Movement of the Workers Rural Landless Laborer (MST) is influenced by Paulo Freire ideas. It's important to emphasize that the proposal of MST suffers countless influences of Marxist educators', but we privileged Freire for being the Brazilian educator that defended, as much in the theoretical as in the practice perspective, the individuals' liberation of all the structures that oppress and impede them of living worthily as subjects builders of their own history. MST is the objective of our reflections for being the social movement that presents in the most systematized way an education proposal for communities of the field. The text is divided in four parts, to know: introduction; the education for MST; elements that indicate the influence of the Freirean ideas in the process of formation of MST and final considerations. In the second part we present briefly the principles that guided the construction of the proposal of formation of MST and what it means for committed educators/militants with that "new way of educating". The third presents, in an objective way, how the ideas of Freire are present in the whole pedagogic engineering of MST. The subject that guided our study refers to the need of we resist to the "old and classic" forms of organization of the pedagogic work, starting from the conquests of the Movement, and we contribute with the construction of a pedagogic theory that contemplates new ways of organization of that work to the light of education experiences of a social movement that has been resisting to the classic form of doing school and of educating the new generations.

## **Keywords**

MST, Paulo Freire, Organization of the Pedagogic Work.

\* Doctor in Education at Universidade Estadual Paulista, professor in Education pool at Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [acmoreira@faced.ufu.br](mailto:acmoreira@faced.ufu.br).

\*\* Under doctor process at Universidade Estadual de Campinas, professor at Universidade Federal de Uberlândia E-mail: [msimonefo@pontal.ufu.br](mailto:msimonefo@pontal.ufu.br).

## Introdução

Ao refletirmos sobre a educação pública, tendo como princípio de análise o materialismo histórico dialético, percebemos que ela vem funcionando alinhada à lógica neoliberal, na qual a educação é encarada como uma mercadoria, e não como um direito de todos os cidadãos. Sem sermos apocalípticos, podemos afirmar que vivemos tempos difíceis, de desilusão, desencanto e de tentativa de homogeneizar a escola na lógica do capitalismo, em seu estado refinado de barbárie.

No programa neoliberal, o desenvolvimento social, que envolve princípios básicos de alimento, saúde e educação para todos, deixa de ser compromisso do Estado. As questões sociais não são mais problemas coletivos. Nessa concepção liberal, requeitada pelo neoliberalismo, o indivíduo seria pobre, analfabeto, desempregado, por falta de iniciativa, de interesse, porque as oportunidades existem. Pela naturalização da exclusão, a nova ordem mundial se autodefine incapaz de resolver os problemas sociais, acarretando o desmantelamento das políticas públicas. No âmbito da educação, as várias ações revelaram o descompromisso do Estado com o financiamento da educação pública, gratuita e de qualidade para todos os níveis de ensino.

A realidade demonstra que no reino do capital a educação inclui para excluir (SADER, 2003), ou seja, ela autoriza projetos incluídos ao mesmo tempo em que não possibilita a democratização da produção e apreensão do conhecimento. Reforça, assim, o princípio do desenvolvimento do capitalismo: a exploração do homem pelo homem, a prática de subordinação e de exclusão.

Diante deste contexto, defendemos a ideia de que a escola não seja correia de transmissão da lógica neoliberal, passando a implementar no seu cotidiano estratégias que possibilitem a instalação de uma nova organização do trabalho

pedagógico, que prime pela eliminação da exclusão e por uma transformação social. Para tanto, o resgate de práticas coletivas, e não individualistas, é fundamental.

Para Pistrak (2003), a reorganização da escola a serviço da transformação social não acontece com a simples alteração dos conteúdos ensinados, porque não dizer, com ajustes curriculares. É um movimento mais amplo de mudança ideológica e também estrutural, em que toda dinâmica da instituição visa à coerência dos objetivos de formação. “Tal superação não acontece no interior da escola – ainda que para tal possa contribuir” (FREITAS, 1995, p. 104).

Segundo Mészáros (2005, p. 17), “para que serve o sistema educacional - mais ainda, quando público, se não for para lutar contra a alienação? Para ajudar a decifrar os enigmas do mundo, sobretudo o do estranhamento de um mundo produzido pelos próprios homens?”.

Nesse sentido, a construção de uma teoria pedagógica crítica sobre a escola capitalista e de práticas alternativas com base em novas formas de organização do trabalho pedagógico da escola e da sala de aula devem ser o horizonte de uma educação transformadora.

### **A influência freireana na formação pedagógica do MST**

Numa reflexão a respeito da influência das ideias de Paulo Freire sobre a proposta pedagógica do MST, é oportuno enfatizar qual a perspectiva de educação que o educador defendia. Durante toda sua vida, Freire defendeu que a educação deveria ter como princípio a libertação dos seres humanos. Para o educador, a educação deve levar os seres humanos a vivenciarem experiências de transcendência. Nesta perspectiva, afirmamos que não é possível tratar da educação libertadora sem pensar que a organização de trabalho pedagógico também

precisa ser construída em alicerce libertador.

A pedagogia libertadora defendida por Freire sofreu influência direta das ideias de Karl Marx, embora esse autor não tenha em sua obra dedicado especial atenção aos temas educacionais. As bases da pedagogia da libertação foram expostas por Freire no livro *Pedagogia do Oprimido*, escrito em 1968, durante o exílio no Chile. Para Paulo Freire, a pedagogia da libertação é

aquela que tem que ser forjada com ele (oprimido) e não para ele, enquanto homens e povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faga da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação (FREIRE, 1987, p. 32).

Partindo desses pressupostos, a educação libertadora é, portanto, aquela que entende a educação dos Trabalhadores Sem-Terra não como uma concessão, mas como direito conquistado na luta diária daqueles que atuam no campo.

Paulo Freire transcendeu a pedagogia tradicional e criou as bases epistemológicas da pedagogia libertadora que até hoje influencia educadores do mundo inteiro. Nessa pedagogia, há uma articulação entre os conhecimentos dos educandos com os conhecimentos construídos socialmente pela humanidade; aliado a isso, percebe-se um processo de formação política que era desenvolvido a partir dos *círculos de cultura*, que, segundo Freire, era um lugar de encontro e diálogo de homens e mulheres que buscavam uma releitura da realidade, com vistas à transformação da sociedade.

O MST transcende a luta pela terra ao defender a luta pelo direito à saúde, educação, moradia, trabalho. A luta pela terra é o pano de fundo para que os sujeitos sociais envolvidos

nesse movimento exerçam a cidadania plena.

A primeira aproximação entre Paulo Freire e o MST reside na radicalidade com que autor e movimento defendem os direitos daqueles que, historicamente, foram aliados do exercício da cidadania. Freire defendia veementemente a relação entre a leitura do mundo e o engajamento no processo de mobilização e de organização para defesa dos direitos, para a reivindicação da justiça, para toda e qualquer luta.

Com Freire e o MST é possível perceber que é a partir da radicalidade com vistas à conscientização que será possível transformar os oprimidos em sujeitos históricos. No entanto, Freire nos alerta que

a conscientização não pode parar na etapa do desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática de desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação (FREIRE, 1981, p. 117)

## A educação para o MST

As lutas por educação no MST começaram em meados de 1980, na região sul do Brasil. Para acompanhar essa luta e trazar diretrizes para o desenvolvimento de uma educação voltada às demandas do campo, o MST criou o Setor de Educação, que é a instância do movimento responsável pela elaboração dos princípios educacionais, da proposta pedagógica, pelo acompanhamento e avaliação do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas dos acampamentos e assentamentos.

O Setor de Educação do MST deixa claro em seus documentos que suas ações visam a provocar o Estado a agir, no sentido de formular políticas públicas específicas para a população do campo. As demandas educacionais do movimento começaram com acesso à educação básica e, paulatinamente, foram ampliadas para o acesso à educação de nível superior.

Para atender às demandas por educação básica, de nível fundamental, o movimento criou

as escolas itinerantes, utilizadas pelas famílias acampadas, as quais, por se encontrarem em processo de luta pela terra e não terem lugar fixo de moradia, possibilitam a continuidade dos estudos às crianças e adolescentes. A escola itinerante busca garantir o direito à educação de qualidade a crianças, adolescentes, jovens e adultos das comunidades acampadas por meio de uma metodologia diferenciada que desenvolve ações pedagógicas diversificadas e prazerosas a partir dos interesses, necessidades e níveis de conhecimento desses educandos.

Para o MST o acesso à educação é uma das formas de se romper com o “latifúndio do saber”, quebrando o ciclo de exclusão a que são historicamente submetidas as famílias camponesas.

De acordo com os documentos do MST (1996) a educação busca trabalhar com os educandos uma formação geral sólida, capaz de fornecer as ferramentas necessárias a uma compreensão crítica do mundo. Ao analisar a proposta pedagógica do MST, é possível observar que ela está alicerçada em princípios filosóficos e pedagógicos que devem orientar a práxis dos professores no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem das escolas do campo. Entre esses princípios destacam-se:

- **Educar a partir da prática, do trabalho.** Esse princípio está presente na maioria dos materiais sobre educação editados pelo MST. Propõe que a criança ou adulto aprenda a partir do trabalho por dois motivos básicos: o primeiro é que, segundo eles, é mais fácil aprender a partir da prática, pois o trabalho aproxima a teoria da sala de aula da prática da vida. E o segundo motivo é que a educação também pode – e deve – ser produtiva. O princípio do trabalho de educação através de coletivos pedagógicos está ligado a outro princípio que é igualmente importante: quem educa também precisa se educar continuamente.

- **Educar a partir da realidade.** Esse princípio é parecido com o acima descrito, mas também se aplica na sala de aula quando o professor, para demonstrar um conhecimento, usa como exemplo uma determinada situação do cotidiano do aluno, ou propõe que com determinado conhecimento se resolva uma situação do cotidiano do aluno ou do grupo, ou até do assentamento.
- **Educar com autonomia do aluno.** De acordo com esse princípio, a autonomia do aluno deve ser encarada como um processo construtivo em que desde os primeiros anos escolares o professor deve trabalhar com a autonomia das crianças, criando adultos autônomos, independentes, com opiniões próprias e capazes de enfrentar a vida.
- **Relação entre prática e teoria.** Esse princípio prevê que dentro de cada processo pedagógico se faz necessário desenvolver uma articulação entre todas as situações de vida. Para o Setor de Educação do MST, já está superada historicamente aquela visão de que a escola é apenas lugar de conhecimentos teóricos, os quais depois, fora dela, é que serão aplicados na prática.
- **Formar sujeitos históricos.** Formar indivíduos históricos é um termo muito usado nos materiais sobre educação publicados pelo MST e significa formar indivíduos dentro de um contexto histórico real, ciente da história de seu povo e de suas possibilidades de construir a realidade, pois como Paulo Freire disse: “A realidade não é, está sendo”.
- **Formar o indivíduo como um todo.** É um dos principais princípios da educação do MST, e se resume em formar pessoas críticas e reflexivas, que sejam abertas para o mundo e que consigam entender a cultura, a política, a história, ou seja, pessoas sensíveis

às diversas manifestações humanas.

- **Educação aberta para o mundo.**

A preocupação com a abertura de horizontes de nossos/nossas estudantes, de modo que pratiquem aquele velho princípio, também filosófico, de que “nada do que é humano me pode ser estranho”. Algumas pessoas chamam este processo de aumento da “densidade cultural”, que é outro jeito de dizer que a nossa vista tem que enxergar além do que nossos olhos alcançam.

Em síntese, para o MST o aprendizado de organização e de luta pela terra precisa se transformar numa nova mentalidade em relação às possibilidades de organizar a vida no meio rural, superando a própria oposição que, tradicionalmente, se tem estabelecido entre o mundo rural e o mundo urbano.

### **Paulo Freire e o processo de formação do MST: possibilidades de construção de outra organização pedagógica**

Analisando os documentos do Setor de Educação do MST é possível perceber claramente como as ideias de Paulo Freire foram decisivas para a formatação da proposta educativa do Movimento. Um dos primeiros elementos de convergência entre as ideias de Paulo Freire e a proposta do movimento está localizado na preocupação que ambos têm com o ser humano. Essa preocupação tem como fundamentação a análise crítica da realidade e a rejeição do arcabouço ideológico da classe dominante que, na tentativa de justificar a exploração do homem em favor do capital, trata as questões sociais como simples fatos históricos, sem nenhuma contextualização.

A luta de Paulo Freire se une à do MST quando esses sujeitos defendem que as relações sociais devem ter como princípio básico o respeito ao ser humano. A defesa intransigente de uma sociedade mais justa,

sem opressores/oprimidos, exploradores/explorados, é um objetivo que unifica a luta do MST com as bandeiras sociais históricas defendidas em todas as obras de Paulo Freire.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire apresenta dois conceitos que são fundamentais para a pedagogia de luta do MST: conscientização e libertação. A conscientização é a possibilidade de o ser humano desvelar a realidade e inserir-se no processo histórico como sujeito. A libertação é a “vocação ontológica” da humanidade, enraizamento na opção de transformação da situação real e opressora em que vivem “práxis da busca: pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 1987, p. 31).

A consciência de que a sociedade brasileira ainda vive, de maneira enrustida, com os rancos do processo de colonização caracterizado pela desumanização, pela exploração, pela exclusão social e pela busca desenfreada pelo poder, é o ponto fundamental que une o MST ao ideário político e ideológico defendido por Paulo Freire.

Ter consciência dessas questões levou Paulo Freire a criticar veementemente o sistema educativo brasileiro, uma vez que a função social da escola era justificar e manter a estrutura social vigente, onde as oportunidades e privilégios eram restritos a uma minoria, em detrimento da grande maioria da população que vivia à margem da sociedade, convivendo cotidianamente com a exclusão, a marginalização e a exploração, principalmente da sua força de trabalho. Freire defendia que essa escola não respondia às demandas sociais e estava a serviço dos dominantes: essa escola precisava ser modificada integralmente para se transformar em um instrumento humanizador e de inclusão social.

Considerando esses pressupostos, é possível reafirmar que as ideias de Paulo Freire são defendidas pelo MST, uma vez que esse movimento, partindo de análises marxistas, identifica que o projeto educativo da burguesia nunca será o mesmo projeto defendido pelas classes populares. Por isso, o MST defende

uma escola que consiga criar antídotos contra a inércia, a acomodação, a morosidade, a burocracia e a submissão. Essa escola está diretamente relacionada à escola cidadã, defendida por Paulo Freire ao longo de sua vida.

Na escola cidadã defendida por Paulo Freire, um dos princípios pedagógicos é que todo conhecimento deve ter como ponto de partida a realidade dos alunos. Esse princípio também é encontrado na proposta educacional do MST, e isso pode ser identificado como mais uma influência das ideias freireanas. Para o educador, a posição normal do homem não é só a de “estar na realidade”, mas de “estar com ela”.

De acordo com Freire, esse posicionamento teórico exige a opção por uma educação libertadora, a qual, para ser concretizada, deve ser o resultado de uma ação dialógica não apenas entre os saberes das disciplinas, mas levando-se em conta toda a bagagem referencial existente nos indivíduos. Paulo Freire (2005, p. 86) afirmava que “é nesta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, que ocorre superação do intelectualismo alienante, do autoritarismo do educador ‘bancário’ e da falsa consciência do mundo”.

Na proposta educativa do MST está previsto que o trabalho pedagógico deve ter como ponto de partida a prática social e o trabalho. Para o MST, o trabalho tem um valor educativo fundamental, por isso o processo de formação deve estar vinculado ao trabalho, ou seja, os alunos devem ser educados para o trabalho e pelo trabalho. Aqui, é possível perceber mais uma vez a influência das ideias de Paulo Freire e de outros pensadores, como Marx, Lukács, Pistrak e outros.

De acordo com Marx (1978), o trabalho transcende, de um modo necessário, toda a caracterização didático-pedagógica, seja como objetivo meramente profissional, seja como função didática, como instrumento de aquisição e comprovação das noções teóricas ou com fins morais de educação do caráter

e de formação de uma atitude de respeito para com o trabalho ou para quem trabalha, para se identificar com a própria essência do homem. Na perspectiva marxista, o trabalho como princípio educativo vincula-se, então, à própria forma de ser dos seres humanos.

Para Lukács (1978) o trabalho é parte fundamental da ontologia do ser social. De acordo com o autor, a aquisição da consciência se dá pelo trabalho, pela ação sobre a natureza. O trabalho, neste sentido, não é emprego, não é apenas uma forma histórica do trabalho em sociedade, ele é a atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se cria, se expande em conhecimento, se aperfeiçoa. O trabalho é a base estruturante de um novo tipo de ser, de uma nova concepção de história.

Pistrak (2003) acredita que o trabalho, por ser o elemento integrante da relação entre escola e realidade atual, e por possibilitar a fusão entre o ensino e a educação, torna-se uma questão fundamental na organização da escola. Concebido como parte orgânica da vida escolar e da vida social dos alunos, constitui-se como atividade socialmente útil, capaz de determinar as relações sociais dos seres humanos. Grande parte de sua obra voltou-se para a justificação do papel do trabalho na formação das crianças e dos jovens. Ainda para Pistrak (2003), todo trabalho desenvolvido na escola deveria ser produtivo, encontrar explicação científica e contribuir para o desenvolvimento da vida coletiva.

Consta também na proposta do MST que o trabalho educativo desenvolvido pelos professores deve ter como princípio a relação entre prática e teoria. Mais uma vez é possível detectar a influência das ideias freireanas, posto que Paulo sempre defendeu que os conhecimentos ensinados devem ter um sentido prático para os educandos, pois isso despertará neles o gosto pelo estudo. Paulo Freire sempre alertou que a aprendizagem é mais significativa quando os conhecimentos apresentados aos educandos são socialmente úteis.

Nas obras de Paulo Freire é possível

perceber que, para o autor, o processo educativo libertador não pode descuidar da formação política dos educandos. Essa é, talvez, a maior influência exercida por Paulo Freire sobre a proposta educacional do Movimento Sem-Terra. É importante destacar que a formação política defendida por Paulo Freire e corroborada pelo MST não está ligada, como muitos tendenciosamente imaginam, a uma formação partidária, mas sim, a uma postura crítica e ética em relação ao mundo e a todos os seres humanos.

A formação política/educativa proposta tanto pelo educador quanto pelo movimento pressupõe o rompimento radical com a consciência ingênua que aprisiona nas “celas da ignorância” os seres humanos, distanciando estes da realidade em que vivem. A formação política/educativa proposta por Freire e pelo MST busca forjar no processo de luta e resistência cotidiana um novo homem e uma nova mulher comprometidos com a árdua tarefa de transformar a realidade. Portanto, a formação política faz parte de qualquer processo educacional comprometido com a humanização dos seres humanos.

Com base nas considerações anteriores, é possível dizer que as ideias de Freire vão ao encontro dos objetivos político/educativos do MST, porque estão comprometidas com as demandas daqueles que são excluídos do exercício da cidadania. O MST se utiliza do referencial pedagógico freireano porque ele visa à construção de um novo projeto de sociedade, onde a justiça social se sobreponha à caridade, onde a consciência crítica e reflexiva se sobreponha à consciência ingênua, enfim, onde homens e mulheres sejam os construtores de sua própria história.

### **Considerações Finais**

As ideias de Paulo Freire influenciam a proposta educacional do Movimento Sem-Terra porque foram construídas a partir da prática revolucionária, em situações concretas

de existência, em que homens e mulheres, através de relações dialógicas, são motivados a transformar a realidade e a si mesmos.

As ideias pedagógicas de Paulo Freire continuam incomodando as elites porque estão comprometidas com a transformação social. Em pleno século XXI, as ideias freireanas continuam válidas, não só porque ainda há opressão no mundo, mas porque elas respondem às necessidades fundamentais da educação de hoje (GADOTTI, 2007, p. 3). Portanto, as ideias freireanas estão presentes na Pedagogia de Luta do MST, porque servem de alicerce para a luta e também para a esperança de tornar a sociedade mais humana.

As considerações feitas nesse texto não encerram as inúmeras possibilidades de análise da vasta obra de Paulo Freire e tampouco da Pedagogia do MST, uma vez que essa é uma “pedagogia em movimento”, construída coletivamente e cotidianamente em sintonia com a realidade. Freire sempre foi enfático ao afirmar que educar é um ato político e a práxis do educador revela um posicionamento político; portanto, se o nosso posicionamento político estiver vinculado a uma prática libertadora, devemos continuar estudando a obra de Paulo Freire. “não para venerá-lo como a um totem ou a um santo, nem para ser seguido como a um guru, mas para ser lido como um dos maiores educadores críticos do século 20” (GADOTTI, 2007, p. 3).

A questão que se coloca refere-se à necessidade de reagirmos às “velhas e clássicas” formas de organização do trabalho pedagógico, a partir das brechas conquistadas pelo Movimento, e contribuirmos com a construção de uma teoria pedagógica que dê conta de novas formas de organização desse trabalho. Acreditamos que estudos nessa área constituem possibilidades de retomar como objeto de análise e discussão a complexidade da organização do trabalho pedagógico, à luz de experiências educacionais de um movimento social que tem resistido à clássica forma de fazer escola e de educar as

novas gerações. Além de ser uma possibilidade princípio a resistência a uma lógica excludente e de pensar a formação defendendo como cruel de massificação e exploração dos sujeitos.

## Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 e 2005.
- \_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- FREITAS, L. C. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas: Papirus, 1995 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- GADOTTI, M. Por que continuar lendo Paulo Freire? In: **Jornal O Estado de S. Paulo**: São Paulo, 27/05/2007. Disponível em: <<http://www.cefuria.org.br>>. Acesso em: 15 de mar. 2010
- GENTILI, P. & SADER, E. (Org.). **Pós-neoliberalismo, as políticas sociais e o estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- LUKÁCS, G. As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem. In: **Temas de Ciências Humanas**, São Paulo, 1978.
- MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção: Os pensadores).
- MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MST. Educação no MST: balanço 20 anos. **Boletim da Educação**. São Paulo, n. 9, dez. 2004.
- MST. Princípios da educação no MST. **Caderno de Educação**. Porto Alegre, n. 8, jul. 1996.
- PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

Submetido em 06 de abril de 2010

Aprovado em 11 de maio de 2010

# **Cinema e educação:** aprendendo com os discursos fílmicos

Wilson Francisco Correia<sup>1</sup>

## **Resumo**

O presente artigo aborda alguns aspectos da temática sobre cinema e educação. Toma-a como expressão relevante das interfaces que medeiam as tecnologias de comunicação e a educação escolar. Ao observar uma metodologia que cuida da análise do discurso fílmico, busca-se compreender o cinema como um produto cultural que, em seu processo de endereçamento e recepção, requer a construção de discursos ligados aos valores éticos, à política e à ideologia, tornando-se importante ferramenta no processo de aprendizado e ensino no âmbito da educação escolar, também permeada por aspectos éticos, políticos e ideológicos.

## **Palavras-chave**

Cinema. Educação. Aprendizagem.

**1.** Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professor adjunto em Filosofia da Educação na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: wilfc2002@yahoo.com.br.